



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 27 de Fevereiro de 1988 * Ano XLIV — N.º 1147 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Calvário

● O verdadeiro Pobre raramente tem voz. Esquecido, desconhecido e sem coragem para falar.

Pai Américo diz: «O Senhor esconde-Se nos Seus filhos. É preciso amá-los para O encontrar. Mas o Senhor esconde os Seus filhos, por vezes; é preciso amá-Lo para que Ele nos diga onde eles se encontram».

Sim, Deus como que esconde os Seus Pobres pelo tesouro que encerram. Nem todos temos capacidade para descobrir e, muito menos, conservar um tesouro. Para beber da nascente a água límpida e rica. Necessária uma preparação, um enriquecimento para podermos receber os dons do Pobre.

O que nós damos é sempre uma gota. Quicá, de matérias duras, em vez de gota de água viva para reconforto da alma.

Somos, naturalmente, inclinados ao visível, ao que se come e veste... E, tantas vezes, o invisível nem sequer nos toca porque não temos coragem de nos debruçar, silenciosa e humildemente, sobre as fontes.

■ Sugeriu-me esta nota a contemplação amistosa do João: nosso doente, há anos. Silencioso (seis palavras por dia). Às sete e meia da manhã já o encontro no pavilhão dos homens a levantar e lavar as crianças. Somente: «Bom dia!» O resto é o seu dom invisível que nos entra na alma e nos eleva:

O seu dom gratuito!

O seu jeito curvado por deficiência física, de inclinado sobre os outros!

O seu cuidado!

A sua simplicidade e ternura! João, como os grandes homens são pequeninos diante de ti! Como Deus amigo te escondeu na Aldeia do Calvário!

■ Que eles Te conheçam, Senhor! Te queiram bem!

Penso nos quatro taxistas que negaram transporte a dois jovens paráliticos para a Aldeia do Calvário...

Não devem saber que naqueles jovens estás Tu!

Os seus filhos devem ter feito a primeira Comunhão com vestidos bonitos... E, talvez, nas festas de suas freguesias tenham já pegado às varas do Pálio...

Porém, não sabem que estás vivo, nos mais pequeninos e pobres!

Que eles Te conheçam, Senhor!

O quinto taxista a ser convidado, sim, soube que eras Tu! Meteu-Te no carro e transportou-Te ao Calvário.

Queríamos pagar... Que não: «Tenho muito gosto e obrigação de ajudar os irmãos» — disse.

O Evangelho!

A verdadeira face do Senhor!

Padre Telmo

Notas da Quinzena

■ Não daria conta dela aos Leitores destas *Notas* se não fosse uma reunião importante. Não pela classe social das participantes — elas vivem escondidas aos olhos do grande mundo que não dá fé da sua presença; no entanto, são columnas. Não pelos interesses defendidos, ao jeito do pensar mundano — elas esqueceram-se de si mesmas para serem tudo para os Outros. Não por fazerem valer os seus direitos — elas reivindicam um só: o direito de servir os mais pequeninos da sociedade; os mais pobres; «o Lixo», como dizia Pai Américo. Quem são elas, então? — **As senhoras da Obra da Rua.** Servem nas Casas do Gaiato. Servem no Calvário. Escolheram a vocação do serviço, fora das estruturas tradicionais. Sem hábito. Sem votos. Apaixonadas de Cristo. Por isso, «são pobres: pobres por devoção».

Gastam-se como a mãe boa, sem esperar outra recompensa, senão a alegria de amar e serem amadas, sofrendo também a «ingratidão dos a quem servem, se a houver. É o sal. É a recompensa divina». **Forma original de ser Mulher e Mãe.**

Verdadeiramente, é a proposta do amor gratuito de Deus feita em cada momento, a quem estiver disponível para acolher de coração agradecido e feliz. Colunas. Sim, columnas

necessárias ao equilíbrio da vida na Obra da Rua.

■ Na quinzena passada falei, aqui, do Júlio Manuel e da desgraça a que foi arrancado. Miséria. Só miséria. Volto, agora, a falar dele para sentirdes a alegria de o ver a correr para a escola, de saca na mão. Sentado à mesa, como os demais. Deitado em sua cama, feita com lençóis lavados e aquecida pelos cobertores nestas noites frias. Ocupado em seus trabalhos. A brincar, nos tempos livres, com a bola ou nos balancês. Que rapaz lindo! Abriu-se-lhe um mundo novo.

Hoje falo do Fernando, de Vale de Cambra. Veio dos mesmos sítios. Tem um irmão mais pequenino. Não pôde vir. Ganhou direito à cama, à mesa, à escola, ao sol e ao ar de uma Casa que é dele e para ele. Mas não pode vir, ainda, porque falta o coração feminino da raça daqueles que vêm acima descritos. Só por isso. Quanto custou a Padre Carlos regressar a Casa sem ele! Temos que dizer não a muitos, até que uns poucos digam sim. É uma responsabilidade grande. É verdade! A salvação de muitos está dependente do **sim** de poucos ou de poucas. Entretanto, a miséria não pára. Avança descaradamente.

Se vivesses esta paixão, dei-

xavas tudo o que tens, querendo e podendo; tiravas mais um da rua e, com ele, muitos mais. Não terias a vida tão cheia de coisas que servem para muito pouco, quando estás feita para deixares Deus operar maravilhas pelas tuas passadas. E o mundo seria outro! O irmão do Fernando espera...

■ Num encontro de padres e de leigos ouvi, deslumbrado, o testemunho evangélico de uma médica, de um casal e de uma esposa. Minha fé cresceu. Experimentei o contágio. É assim mesmo! A Fé não é um produto para consumo interno. Comunica-se quando é vivida e faz-se testemunho. Era gente que descobriu o Caminho estreito. Antes, seguia a estrada larga, fácil, cómoda. Felizes estas pessoas que descobriram, a tempo, a lógica da Palavra do Senhor! Custa deixar, para viver a aventura de ser feliz na pobreza das Bem-Aventuranças! Coisas que amarram as vidas. Situações cómodas, mas vazias, que roubam a Felicidade a quem tem a coragem de dizer **sim**. Dar o salto da Fé. Cair na plenitude da Verdade. — Vem!

Padre Manuel António

Setúbal

◆ A manhã está um tanto pardacenta! Nem sol nem chuva!... Os pássaros estão calados. As núvens meias claras e meias negras encobrem tímidamente o astro-rei que ainda hoje não mostrou a sua graça.

Fui a Palmela buscar as Senhoras que, com as da Quinta do Anjo e Cabanas, vêm ajudar na reparação da roupa, na limpeza da casa e roupas e tarefas domésticas! Gente fiel, sacrificada e feliz.

Eram nove e um quarto da manhã. Regressavam do trabalho os grupos de pequenos que andavam a arrancar as ervas do pomar, debaixo da copa das laranjeiras. De botas altas, cada um trazia, pegadas naquelas,

Cont. na 2.ª pág.



Só um coração de Mãe... pode aliviar a dor das crianças abandonadas que foram «Lixo das ruas».

PELAS CASAS DO GAIATO

Tojal

CATEQUESE — No dia 7 de Fevereiro, em nossa Casa, houve uma reunião de cerca de 250 Catequistas da Vigararia de Loures. Os trabalhos desenvolvidos são indispensáveis à construção, dignidade e respeito da pessoa humana. O Senhor D. José Policarpo encerrou o Encontro com a sua palavra muito viva e visão real dos problemas actuais, à maneira dos Apóstolos que, no seguimento de Cristo, lutaram por uma verdadeira Justiça na Sociedade.

D. José Policarpo ao fazer eco do Pai Américo, em 8 de Dezembro último, falou no mistério da Caridade no mundo de hoje. Catequista — é testemunho de vida que bebendo no Evangelho se traduz em palavras e obras.

«Quem não é capaz de pressentir a mensagem dos Pobres, dos aflitos, dos que sofrem, dos tristes, dos que estão sozinhos, dos que procuram angustiadamente um sentido para a sua vida? Estas mensagens silenciosas são como ondas que se comunicam e só são acolhidas por aqueles que têm um coração aberto. Toda a sociedade está construída num modelo que não é este, da escuta e da abertura. É numa sociedade destas que a Igreja tem que ser testemunha da Caridade que lhe é continuamente comunicada por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Quais são as grandes concretizações, os caminhos e os desafios que se põem a este mistério?

A Oração assumida como acto de amor e como acto de dom é o ponto de partida de todos os grandes serviços e de todas as generosidades, de todas as grandes lutas e de todas as grandes causas. A Oração é um autêntico serviço da humanidade.

O amor ao Próximo não é só, ou primeiro, ver e falar; também, ou mais, ouvir. A urgência de proclamar a Palavra do Senhor. Quem tem algo a dar aos pobres e aos aflitos? Deus é Pai! Deus é Amor!

É na descoberta deste Amor que está a Vida; e, na vida, sem esta descoberta não seguimos os Caminhos que nos levam ao Senhor: os Caminhos do Amor. O exemplo de São Paulo: «Para mim viver é Cristo. O resto é desperdício...»

Anunciar o Evangelho é um dever urgente. O problema desta urgência da Mensagem é um problema actual. Deus não é tabú, não é uma coisa inventada. É uma realidade de vida.

Catequista a que nível? Na missão do Evangelho. É o lugar que Cristo e a Sua Palavra têm na nossa vida. A vida é difícil; e, porque pesada, vamos perdendo o gosto de viver aquela alegria interior. São os problemas denunciados: Suicídio dos homens; a falta de trabalho; o egoísmo desenfreado na vida económica; materialismo; a felicidade só se contrói com o possuir. O que é que falta neste mundo? Um mundo que, graças a Deus, venceu a fome, as principais doenças, resolveu os principais problemas de bem-estar, que progrediu economicamente e na instrução.

O que é que falta neste mundo para sermos felizes? Porque é que se suicidam os jovens? Porque é que as pessoas não acreditam no amor? Porque é que tantos velhos morrem rodeados de tantos bens materiais, mas são infelizes porque estão sozinhos? O que é que falta a esta sociedade? Porque não acertam? E continuarão a não acertar enquanto, em conjunto, a cultura, a civilização não voltarem a dar lugar a Deus. Voltar a repor a Justiça. E esta é a razão da evangelização.»

Projecto para o ano 2000: a Reevangelização da Eunopa.

«Voltar o coração para Deus. Deixar-se conquistar pelo Senhor e pela Sua Palavra. Passa por este diálogo, por esta presença, pelo testemunho da alegria cristã, fundamentalmente através da Oração. Pela nossa intimidade com Deus. Por um mundo novo que há-de nascer e é gerado na intimidade do amor entre a Igreja e a Santíssima Trindade. A recuperação espiritual da nossa sociedade passa muito pelo mistério da doação dos cristãos.

Oxalá, nós que temos uma missão na Igreja, esperemos que Deus nos ajude a criar dentro de nós esse amor à Palavra para que à nossa maneira e cada um no seu posto orie esta urgência de amar o Coração de Cristo.

Pobre de mim se não for capaz de pôr a minha vida no mundo onde vivo, ao serviço do testemunho desse Amor com que Deus ama os homens.»

José Manuel dos Anjos Nunes

Noticias da Conferência de Paço de Sousa

● Situados numa região dita *inter-média*, não é para admirar que testemunhemos (ou nos alertem) para uma outra carência motivada por migrações internas.

Já conhecíamos o Pobre: Gestos, expressões, sentimentos, *loucuras*... Espontaneamente, abrimos um pouco da sua alma *destroçada* — como tantas, em tantos lados.

O duro Inverno — cruz dos Pobres — aumenta as necessidades: «*Chove no barraco...*» Damos a mão e o homem recupera a esperança!

Seria um caso para nos alongarmos, sem prejuízo da dignidade da pessoa humana. Aliás, *escondemos* sempre os nomes, intencionalmente. O Pobre merece respeito. E quanto mais..., mais!

● Ela faz maravilhas, porque Viúva. Não pára! Cria os filhos com amor de Mãe.

— Agora, só precisava de telhas pra cobrir o anexo. São cinco contos...

Aquele só, é delicadeza dos Pobres. O barraco, fonte de receita para boa parte da subsistência: porcos, galinhas, tudo o mais que angaria para sobreviver.

Insistimos na temática, pois não vislumbramos, no horizonte (já no *dealbar* do século XXI), que o mundo avalie, ou faça sua, a problemática da Viuvez com a eficácia dos primeiros cristãos.

Que dizer da heróica destas

mulheres com muitos filhos — acontece no meio rural — que são tudo para os seus, na falta do pai? Poderíamos dizer muitíssimo, acerca das graves consequências desta omissão (a vários níveis) e que prejudica, seriamente, o necessário equilíbrio das famílias, dos órfãos... — do País que somos!

PARTELHA — Assinante 28869, de Figueira de Castelo Rodrigo, completa 82 anos, *«agradece a Deus tão longa vida e dá uma prenda para distribuir»* pelos Pobres: 1.000\$00. Capital para o Céu!

Assinante 31104, muito perseverante, só pede *«uma referência discreta»*. Aqui está, com o muito obrigado dos nossos Pobres.

Três mil escudos *«com o destino que acharem por bem, já que as carências são múltiplas»* — sublinha a assinante 11531.

«*Uma portuense qualquer*» persevera na Rota que nos leva à Eternidade, pondo algo a *«render»*, antecipadamente, no Céu. *«Só ali não há qualquer desvalorização»* — remata.

Mais perseverança: «*Maria de Portugal*» com *«pequena ajuda»* e solicitando outra, *«grande, ao Pobre que a receber: uma oração fervorosa... Quero mais do que dou...!»*, exclama, por fim.

Quase vinte contos da assinante

4456, na Serra da Estrela; e mais, para outros sectores. A *«habitual contribuição para uma senhora idosa e doente, relativa aos meses de Janeiro e Fevereiro»* — da assinante 26471. Quatro mil, da assinante 27661 (Águeda). Seis mil, de *«duas pessoas muito amigas»* para *«o caso mais urgente»* entre os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Mil, para *«um velhinho que tenha mais de setenta anos, por intenção de meu querido pai»* — acentua a assinante 21292.

«*Avó de Sintra*» não falha! Traz na mão parte da sua pensão, como é habitual, *«para a família do costume»*. Assinante 6805, de Guimarães (onde nasceu Portugal!) com uma carta longa — e tão amiga! Já sabe: *«sublinhe sempre quando mandar para os nossos Pobres, via postal»*.

Mais 500\$00 da assinante 23484, de Vilares (Vila Franca das Naves) — *«para tantas necessidades»*. O dobro, da assinante 20631 (Monte Gordo) e um voto: *«Sufragar a alma de minha querida Mãe»*. Coração de Mãe há só um! «*Migalhinhas*» de assinante 5045, do Porto. Vinte dólares da assinante 32217 (Canadá). E, alto lá!, uma fortuna, escondidinha para que ninguém veja, pela mão da assinante 524, de Vila Nova de Gaia: *«Este ano, um bocadinho mais abonada, pois a vida também subiu em tudo e para todos»*, Justiça social cristã!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

CARNAVAL — Brincadeiras de novos e velhos, tradição bem marcada no meio de nós.

Como sempre, a comunidade não espera o dia 16 e, dias antes, já se nota a alegria manifestada por todos, ambiciosos de brincadeiras que não podem dispensar

DESPORTO — Em 15 de Fevereiro, mais um jogo de futebol com uma equipa de Vizela. Ganhámos por 8-2, e agradeçam ao favorzinho da nossa defesa!

Ganhar ou perder é desporto!

PECUÁRIA — Brevemente, chegarão novilhas para a nossa vacaria.

Deus queira a peripneumonia não as afecte outra vez, pois as vacas são muito importantes para a nossa vida.

MAIS GAIATOS — Temos mais um que necessitava de família, de acolhimento. É o Fernando Jonge, de 8 anos, (o «Balão»), agora filho da Obra da Rua.

«Ruilhe»

SETÚBAL

Cont. da 1.ª pag.

umas largas gramas de terra negra!

A sineta — a voz que manda mais cá em Casa — tocou para a Escola. Os da Escola primária largaram as ocupações e, descontraindo, dirigiram-se às aulas para mais um dia escolar.

As salas são limpas todos os dias e, quase sempre, mais que uma vez. É tão difícil habituar a minha gente à limpeza! Ela é tão cara nos dias que correm, mesmo sendo eles a fazê-la!

Mais valia!... — vem-me, de repente ao sentimento — mais valia... que não fossem trabalhar!

São locubrações económicas. Erradas. Este lucro é prejuízo, mas este prejuízo é lucro!...

Sair de manhã para o trabalho, criar o hábito do trabalho, sentir a necessidade dele e o seu gosto — eis o grande lucro!

As botas enlameadas, a roupa suja, o orvalho frio da manhã, são acidentes penosos, frutificando lentamente em cada garoto o hábito de uma vida sã e tranquila, assente no «comerás o pão com o suor do teu rosto».

Que a sabedoria económica me não perturbe! Amen.

Neste caso como noutros, vale mais perder que ganhar.

Os nossos rapazes são po-

bres. Não têm mais nada, senão as suas capacidades pessoais. Muitos foram vadios!... E estes entretenimentos de trabalho vão, a pouco e pouco, vencendo neles a sedução poderosa da vadiagem.

Entrou em moda a denúncia do trabalho infantil. Normalmente, os denunciadores são os que atiram a responsabilidade para cima dos outros e não os que buscam caminhos ou soluções para casos concretos. Hoje toda a gente sabe denunciar e alguns fazem das suas denúncias, degraus para subir a falsa escada do seu ilusório prestígio social, sindical, político ou mesmo eclesástico.

Repugna o trabalho infantil explorado, coarde e injustamente, por patrões sem escrúpulos. A história das Casas do Gaiato está cheia de casos de adolescentes aliciados e, depois, injustamente «comidos».

Numa sociedade bem organizada, onde fosse possível a todos — sem excepção para ninguém — termos um lugar digno, a criança deveria estar ocupada e educada na sua auto-independência: fazendo a cama, pondo a mesa, ajudando os pais e irmãos, limpando o quarto ou a sua casa, etc. — mas nunca obrigada a desempenhar tarefas duras, repetitivas, saturantes ao longo de 8 a 9 horas nor-

mais. Contudo, senão há e não é possível, imediatamente, descobrir esse lugar, é menos prejudicial para a criança trabalhar que deixar-se entregue à mesma o dia inteiro, sujeita às demolidoras influências de outros vadios do próprio meio normalmente corrupto ou às paixões que começam a surgir.

É justo que se procure a punição de quem explora e se dê à criança ou adolescente um salário equitativo, mas não se tire aos Pobres, às vezes, a única tábuca de salvação neste mar corrupto em que navega a sociedade hodierna.

Um adolescente, se não estuda porque não quer, ou não pode, tem necessidade absoluta de trabalhar.

Quantos pais têm vindo até nós, em vão, pedir um lugar para o filho de 18, 19 ou 20 anos que não quis estudar e, agora, não quer trabalhar?... Quantos?...

Quem, na idade fundamental da formação, se habitua a viver parasitariamente, com muita dificuldade começará agora a trabalhar!

Quantos de nós, hoje na casa dos cinquenta, fomos lançados



A Palavra de Deus é a força da Vida

«Quem poderá compreender, Senhor, toda a riqueza de uma só das Vossas palavras? Como o sedento que bebe da fonte, muito mais é o que perdemos do que o que tomamos. A Palavra do Senhor apresenta aspectos muito diversos, segundo as diversas perspectivas dos que a estudam. O Senhor pintou a Sua Palavra com muitas cores a fim de cada um dos que a escutam, descobrir nela o que mais lhe agrada. Escondeu na Sua Palavra muitos tesouros para que cada um de nós se enriqueça em qualquer dos pontos que medita.

Aquele que chegou a alcançar uma parte deste tesouro, não pense que nessa Palavra está só o que encontrou, mas saiba que apenas viu alguma coisa do muito que lá está. E porque apenas chegou a entender essa pequena parte, não

na vida dura, do trabalho, desde tenríssima idade e nela criámos forças e perspectivas para vencer e nos vencermos?...

Se os pais continuam a ser os «donos» dos direitos fundamentais das crianças (não teórica, mas praticamente) que eles tenham uma palavra de valor em cada caso particular denunciado. Que a legislação proibitiva do trabalho infantil deixe uma abertura à autoridade paternal justa e equitativa.

◆ Os Amigos da Obra da Rua têm, no nosso coração e no Altar do Sacrifício Eucarístico quotidiano, um lugar de primeiro plano.

Alguns ficam mesmo ligados a nós, com memória indestrutível, como lapa que se fossiliza na rocha.

É o caso da D. Emília Garcia que o Senhor chamou, no meio da maturidade, após longo e doloroso sofrimento.

Depois que a Socar — a sua empresa — nos começou a dar carne todas as semanas, as nossas dívidas foram diminuindo, as nossas obras cresceram com certo fôlego e o esplendor do rosto dos nossos rapazes tornou-se mais encantador — tudo porque o coração de D. Emília se abriu aos pobres.

Quantas famílias têm aqui encontrado carne para a sua sopa e gosto para o seu segundo?!... — só Deus sabe. Só Ele é testemunha... Também agora, na Luz Divina, a D. Emília vê, possuída de eterno gozo.

Mais do que as flores que lhe embelezaram o funeral e se amontoaram enormemente sobre a campa, murchando em pouco tempo, as boas obras que realizou brilharão eternamente na visão de Deus, aumentando-lhe a alegria.

Padre Acílio

considere pobre e estéril esta Palavra; incapaz de apreender toda a sua riqueza, dê graças pela sua imensidade inesgotável.

Alegra-te pelo que alcançaste e não te entristeças pelo que ficou por alcançar. O que tem sede alegra-se quando bebe e não se entristece por não poder esvaziar a fonte. Vença a fonte a tua sede e não a tua sede a fonte, porque se a tua sede fica saciada sem que se esvazie a fonte, poderás ainda beber dela quando voltares a ter sede. Se, porém, saciada a sede, secasse a fonte, a tua vitória converter-se-ia no teu mal.

Dá graças pelo que recebeste e não te entristeças pelo que sobrou e deixaste. O que recebeste e alcançaste é a tua parte; o que deixaste é ainda a tua herança. O que não podes receber imediatamente por causa da tua pequenez, poderás recebê-lo noutra altura se perseverares. E não tentes avaramente tomar dum só fôlego o que não podes abarcar numa vez, nem desis-

tas, por preguiça, do que podes ir conseguindo pouco a pouco.

S. Efrém, diácono.»

Não resisto à publicação deste texto de um escritor cristão do século IV que a Igreja, Mãe e Mestra, nos propõe neste domingo como leitura espiritual.

É que, não estando ele à mão da imensa maioria dos nossos leitores e dada a valia pedagógica da exposição, tão importante para a edificação de cada um e tão proporcionada a todos, não posso deixar tal luz escondida sob o alqueire.

Como tantas vezes, encontramos-nos aqui, em cheio, com Pai Américo. Ele era homem de um só livro. Ia pelos Evangelhos e Cartas dos Apóstolos até ao fim... e voltava ao princípio. Podia dizer, com toda a verdade, que a Palavra de Deus era a fonte exclusiva da sua ciência, que o Espírito Santo iluminava e transformava em Sabedoria.

Em cada passagem pelo seu

Livro único ia apreendendo «alguma coisa do muito que lá está», que juntava à aquisição de leituras passadas, na expectativa das novidades que «o tesouro inesgotável» tinha de reserva para as futuras. Este foi o itinerário do seu crescimento espiritual. Quem dera fosse o de todos nós para, deveras, crescermos!

Duas outras virtudes próprias para o encontro de um homem com a Palavra avultam no texto, nas quais também Pai Américo brilhou: a Humildade e a Alegria.

A Humildade, no reconhecimento e aceitação da nossa pequenez original e na parcimónia com que se deve abordar a Palavra divina: «Não tentes avaramente tomar de um só fôlego o que não podes abarcar de uma vez». Porque nem necessário é! «O que não podes receber imediatamente por causa da tua pequenez, poderás recebê-lo noutra altura se perseverares».

A Alegria, pela certeza de que «o que recebeste e alcançaste é a tua parte e o que deixaste é ainda herança tua». Toda a Palavra é para o homem que crê e espera n'Ele. Por isso é dele, «toda a riqueza dela, na sua imensidade inesgotável». E se a apropriação total nunca será aqui e agora, será Lá, depois, quando da circunstância de lugar e de tempo formos definitivamente libertados pela essência da Eternidade: a visão.

Desta Alegria brota, espontânea, a acção de graças a que Santo Efrém constantemente exorta o seu leitor e para a qual o dispõe, ao ajudá-lo a reflectir na imensidade do Dom de Deus, todo para nós.

Pai Américo assim entendeu e viveu consoante o seu entendimento. Por isso, humilde; por isso, perseverante no «pouco a pouco» — a velocidade própria do homem que caminha para Deus.

Dá também a tranquilidade que confessa a respeito da frescura e eficácia da sua palavra, não por ser sua, mas porque bebida da Fonte em que a bebia:

«O tempo desgasta as nossas dores, as nossas alegrias e as nossas melhores resoluções — desgasta tudo. Água mole a cair inexoravelmente sobre a vida dos mortais, o tempo é o nosso inimigo e faz a nossa desgraça. E se é verdade que o tempo também desgasta os fogos-fátuos com que se costuma apelar a caridade, perde, contudo, toda a sua acção na chama divina da Caridade.

E é justamente por isso que hoje, como há dez anos, como

— IMPORTANTE —

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GALATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

daqui a outros tantos (Christus hodie), eu venho a este lugar com palavras moças dizer a mesma coisa sem nunca me repetir».

Padre Carlos



DO UTRINA

As avessas do Agente Social...

● Mais cinquenta escudos, no segundo andar de uma casa alegre, generosa, virada ao sol, de onde safu, há muito tempo, com enterro de primeira classe, o non que em outras casas se encontra; e mais nada. Nunca senti tanto a tristeza deste «mais nada», como durante os seis dias da semana que terminou, porque durante eles muito precisei.

● Estive na cidade das tocas, o maior centro de miséria que Coimbra tem; descemos ao tugúrio da Baixa, no meio do desalinho, da palavra despejada, do vinho da taberna, da mancebia animal; subimos ao Pobre limpo da alta, com a sua jarra de flores na mesa de cabeceira, quadros religiosos pendentes, crucifixo na cómoda, ar de muita confiança e de muita resignação. Não olham tanto para as nossas mãos, estes Pobres, como para os nossos lábios, de onde esperam a palavra oportuna e vivificante que lhe fica na alma pelos dias além. Bênção de Deus para eles que sofrem e para nós que os ajudamos a sofrer... sofrendo também.

● Andámos assim, a semana inteira, com as mãos a tenir e o coração doente; não que a gente queira enriquecer os Pobres, mas sim queremos ajudá-los, associarmos-nos à vida deles, deixando cair migalhas aqui e além, como faz o Pai Celeste aos passarinhos, que o fardo levado por dois pesa menos a cada um.

● Alugámos duas salas na rua do Norte, ao pé da Briosa, para serem o Lar da Colónia dos Gaiatos. Eles andam aí, pela cidade, cada um no seu ofício, contentes, e lançam-se à gente como as borboletas à luz: «Quando é a reunião?» Massa apta a todo o fermento, bebem todos os venenos estes rapazes. Pois nós havemos de os envenenar. Fizemos das tripas coração para mobilar

Cont. na 4.ª pág.

Cantinho das Senhoras

Nos dias 2 e 3 de Fevereiro, Festa de Nossa Senhora das Candeias ou Festa da Luz, foi o nosso primeiro Encontro de 1988, em Fátima.

Reflexão: «A Identidade da Mulher dentro da Obra da Rua».

Quem somos? Como, com quem e para onde vamos?

Quarenta e oito anos de caminhada...

E preciso olhar para a história, saber viver e interpretar o presente e preparar o futuro. Sem pressas demasiadas, sem medo, sem atropelos. Mas com firmeza. O Senhor vai conosco. Quem se entrega a Ele, e por Ele, não se engana.

Estamos em crise de vocações, de doações de Senhoras para a Obra da Rua? Sim. Mas temos muita Esperança dentro de nós.

As crises, realmente sérias, só se resolvem com inteligência, discernimento e vontade. Como estamos a falar de serviço da Igreja, dizemos: Com Fé e Esperança conseguiremos vencer a crise.

Deus não nos abandona no momento em que d'Ele precisamos. Virá ao nosso encontro.

Sabemos que no pensamento e no coração de Pai Américo existia um «Cantinho» de carinho e veneração pelas Senhoras, que com ele e os Sacerdotes seus colaboradores e continuadores, se doaram em zelo e generosidade à Obra da Rua.

Pai Américo não deixou tudo feito. Chamou outros e outras e continua a chamar.

A maioria dos elementos desta grande Família são crianças e jovens. Não pode deixar de existir a Mulher-mãe, com carácter permanente, nas Casas do Gaiato.

Sabemos que nos momentos difíceis da sua vida Pai Américo afirmava: «Eu creio, Senhor»... Repetia com muita firmeza: «Eu creio»... Às vezes, só isto.

É no espírito de fé de Pai Américo que estamos unidas, de olhos postos no Senhor — esperando...

A Obra da Rua é Obra de Igreja. Tem a força do Espírito Santo a actuar. Se os elementos que a compõem estiverem unidos entre si é o Espírito Santo que a anima.

É uma comunidade que parte das comunidades para formar a Comunidade. Célula viva sem a qual a Igreja ficaria mais pobre. As «comunidades vivas» têm que se preocupar com ela — para que seja vivificada.

A hora que vivemos é a «Hora grande» da Obra da Rua no nosso tempo. Outras horas grandes virão, temos a certeza. Porque Obra da Igreja, temos o carinho, as orações, os apoios espirituais daqueles que vivem preocupados com o destino do Povo de Deus. Nós somos um pequenino povo dentro do grande Povo de Deus. É a «Comunicação dos Santos»!

Isaura (de Setúbal)

TRIBUNA DE COIMBRA

«Mas as crianças, Senhor! Porque lhes dais tanta dor?»

Hoje, de manhã, quando me dirigia para a sala onde todos tomaram o leite quente das nossas vacas, vi um dos pequenos que caminhava para a sala de costura. Ia todo nu e sujo, buscar roupa lavada para tomar banho. Ia sozinho e a manhã estava fria.

Ele anda muitas vezes sujo. Por vezes, levanta-se um certo alvoroço: «Está todo borrado!» A professora, na escola, também se queixa.

Com sete anos, já tem o nome no Tribunal da cidade onde nasceu e donde veio. Tão poucos anos e já tantos delitos na vida desta criança!

A mãe faleceu quando ele tinha dois anos. Família muito pobre. Passado algum tempo, o pai voltou a casar. A madrasta custou-lhe a aceitar os filhos do marido. Este é mais um rejeitado.

Fiquei a olhá-lo. O chefe foi atendê-lo. Mas... falta-lhe o carinho da mãe. A madrasta devia ter sido mãe.

As Casas do Gaiato são família. Mas... quantas carências! Não há mães que cheguem para tantos filhos!

Era quase noite quando chegou um carro. Um grupo de senhoras veio trazer um menino, de quatro anos, abandonado pelos pais. Os pais abandonaram-se um ao outro.

Com os papéis traziam cópia da sentença do Tribunal, que reconhece a incapacidade paterna e faz a entrega do filho.

O menino vinha rodeado de brinquedos e recebeu muitos beijos na despedida.

Recebi o pequeno com um misto de sentimentos, de alegria e de tristeza. Com a alegria de uma criança a receber aqueles carinhos, veio-me a tristeza do quadro de nudez e sujidade da manhã. Tristeza por ver mais um órfão com os pais vivos.

Vou terminar o dia com estes sentimentos à mistura com tantos outros. Os familiares destas crianças vão procurando instituições que as recebam e as criem. Os Tribunais vão continuar a verificar as incapacidades dos pais e vão fazendo entrega dos filhos. Vamos todos dormir com tranquilidade porque fizemos o que estava à mão.

A nossa sociedade pode dormir, mas os problemas continuam de pé. Enquanto os pais não se aceitam um ao outro e não aceitam os filhos como



Ao longo dos anos, o Lar do Gaiato de Coimbra, na Cumeada, tem acolhido muitas gerações de gaiatos — estudantes e trabalhadores.

um dom, não podemos viver em paz. Enquanto todos nós não nos sentirmos responsáveis pela vida uns dos outros não pode-

mos viver em paz. Enquanto houver uma sociedade com rejeitados, não pode ser uma sociedade feliz.

Vou-me deitar com as minhas dores e as dores destas crianças. E tu?

Padre Horácio

AQUI LISBOA!

«A maioria dos Rapazes procura fazer o menos que pode nas suas obrigações e até passá-las a outrem e não fazer mais nada. Sim. Há muito poucos. É o panorama vulgar aqui dentro e lá fora.» (Pai Américo)

Pensamos que ao citar as palavras acima não escandalizamos ninguém. Elas têm a força de Pai Américo, que se deu todo ao serviço dos Rapazes e são de uma actualidade absoluta, em que as excepções só confirmam a regra.

O escrito referido, que os Leitores poderão compulsar no segundo volume de *Isto é a Casa do Galato*, pág. 39-40, vem a propósito do João Maria Vieira, conhecido pelo «Sapo», que afirmara: «Eu gosto de ser ajudante de todos»; e levou Pai Américo a dizer: «Há mui poucos 'Sapos' aqui em Casa»; e a concluir: «Viva o João Maria!»

Sabem os nossos Amigos que um dos aspectos fundamentais da pedagogia de Pai Américo assenta na vida de trabalho. No seu testamento aos Padres, depois de se referir à «vida religiosa» e ao cuidado de fomentar no alma do Rapaz o amor aos Pobres, como complemento dessa base educativa, acrescenta: «A vida de trabalho deve seguir a par. Um dia de trabalho corresponde a uma noite tranquila e sã. Cada Rapaz tenha a sua obrigação e seja chamado a contas por ela. Que nunca se ocupe o estrangeiro em trabalhos que possam ser feitos por eles. O brio; a iniciativa; a personalidade — tudo procede daquela fórmula. É a nossa divisa: *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. O trabalho deles, por mão deles,*

querido por eles, é, ainda, a extinção lenta e sadia dos defeitos morais que os afligem... Dê-se ao Rapaz o sabor de comer o pão, em nossas Casas, com o suor do seu rosto».

Claro que não é fácil educar na linha do atrás exposto. A ancestralidade, a tendência para se «encostar», a idade e os maus exemplos de fora e de dentro, têm muita força. É sempre mais fácil e aliciante viver à custa dos outros. Poucos sabem que comer o pão com o suor do seu rosto é que dignifica e forja o Homem, moldando-lhe o carácter.

Na linha da pedagogia activa que caracteriza a Obra da Rua, tendo em vista criar o sentido de responsabilidade e de facultar uma adequada formação profissional, há, nas várias Casas, oficinas, nomeadamente de carpintaria, serralharia e tipografia. Para lá dos trabalhos destinados às Casas e de conservação ou de reparação nas instalações, recebem-se encomendas do exterior, que, para lá da prática, contribuem para a obtenção de alguns fundos. A tendência deverá ser, aliás, de vivermos à custa do nosso trabalho, embora certos que as oficinas-escolas são, por isso mesmo, muito onerosas. Os donativos e as ajudas, pelo menos teoricamente, deveriam ser canalizadas para obras, equipamento e conservação das instalações e material.

No caso do Tojal, estamos bastante carecidos de monitores ou mesmo mestres para as secções de carpintaria e de serralharia. Dispomos de instalações e maquinaria adequadas, mas falta-nos gente capaz de

ensinar e de gerir o que possuímos. Os estratos sociais com que lidamos nem sempre são fáceis, é certo, mas com boa vontade, pulso e aplicação, muita coisa boa se poderia conseguir. Houvesse gente!

Há para aí uma inflação de cursos profissionais, de cuja rendibilidade e eficácia ousamos duvidar. Parece-nos que, ao fim ao cabo, os dinheiros da C. E. E. nem sequer sempre serão reprodutivos do ponto de vista de formação profissional, antes constituem uma oportunidade para muita gente enriquecer, desbaratando potencialidades excelentes de valorizar a mão de obra. Muitos nos têm surgido com a intenção de realizar esses cursos, cá em Casa, com as promessas disto e daquilo, desconhecendo a índole da Instituição, dos seus grupos etários e da natureza e da capacidade da população residente. Não temos embarcado, mas sempre que surge a oportunidade de mandar algum dos nossos aos variados cursos realizados pelas instâncias oficiais ou similares, não temos desperdiçado tais ensejos, segundo as aptidões e preferências dos interessados.

Se os Leitores estiverem interessados nos serviços das oficinas, sobretudo na área em

que temos as nossas instalações, é favor dizê-lo. Muito gratos ficaríamos, porém, se nos indicassem, sobretudo, pessoas idóneas para as dirigir, incutindo nos Rapazes hábitos de trabalho e sentido de responsabilidade, com a concomitante formação profissional. Educar jovens aplicados e trabalhadores é nossa missão. Que eles entendam e saibam aproveitar os esforços e canseiras havidos para os valorizar e tornar cidadãos úteis, capazes de enfrentarem a vida e os seus problemas, ganhando o pão com o suor do seu rosto.

P. S. — Os diaporamas realizados pela Logomédia têm tido grande procura, mas ainda dispomos de alguns. O mesmo se diga das medalhas, pequenas e grandes, alusivas ao Centenário de Pai Américo.

Padre Luiz

Livros de Pai Américo

Pão dos Pobres (quatro volumes), *Obra da Rua, Isto é a Casa do Gaiato* (dois volumes), *Barredo, Ovo de Colombo, Viagens, Doutrina* (três volumes), *Cantinho dos Rapazes, Notas da Quinzena e De como eu fui...*

DOUTRINA

Cont. da 3.ª pág.

as salas e a renda da casa... é arte de corda-bamba. Vou pedir ao nosso Bom Deus que alguém, por amor d'Ele, se fira nestas linhas e caia de bruços na renda. Estes rapazes, bem conduzidos, podem ser amanhã amigos dos homens e apóstolos do Bem, na fábrica e na oficina; e serão tudo às avessas, se os abandonarmos. Ajudai-me, que eu não tenho mais fontes senão as das lágrimas que tenho chorado no meio da gente pobre!

● Há dias, pedi um fato, às portas de quem se não diz, para vestir um nu que topei na rua; e veio, de dentro, da língua da criada, um «os mais que dêem!» E tu que dizes? Não tenha eu de chorar à tua porta, como chorei naquela maré; não a pobreza do nu, mas sim a miséria de quem me mandou embora!

P. Américo

(In 1.º vol. *Pão dos Pobres*)

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA 4560 Penafiel-Tel. (065) 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel